LÁGRIMAS DE BRINQUEDO

Alfredo Ferndandes

COLEÇÃO PORACÉ | TEATRO

CULTURA
Edições Governo do Estado

Valer
EDITORA

Alfredo Fernandes nos brinda com esta peça teatral escrita nos anos 50 do século passado, um momento fértil para o teatro regional, em especial porque foi através desse autor que uma nova vertente teatral iria ser consolidada. Com uma aparente simplicidade em sua estrutura dramatúrgica, *Lágrimas de brinquedo* tem o mérito de mostrar o mundo de sonhos da criança, com seus medos e os seus anseios.

Os personagens maravilhosos, saídos da imaginação fecunda de Alfredo Fernandes, transbordam alegrias e preocupações com suas condições físicas e sentimentais. Todos precisamos de carinho e amor, cada brinquedo tem seu jeito de ser, e Fernandes confere uma autonomia a cada um deles – torna-os autômatos, eles preenchem a cena, jogam (atuam) como protagonistas no desenrolar da situação sutil em que se encontram.

A criança vai descobrir que tudo pode ser sonhado, as dificuldades foram feitas para serem ultrapassadas, e que sonhar continuará sendo o "grande projeto". Alfredo Fernandes, como escritor dramático, preocupa-se com o "acabamento" de suas criações, cada personagem tem um direcionamento, peculiaridades de ações físicas tornando a encenação mais segura para os que almejam uma montagem de seu texto.

Interessante perceber a riqueza do texto, onde as palavras surgem naturais e precisas, feitas para o palco, e mesmo o "escangalhado" proferido pelo Papai Noel ganha um significado todo especial. É isso, vamos abrir esta caixa de pandora de Alfredo Fernandes e preparar o palco para esta aventura no mundo dos brinquedos. Vamos lá, "dar corda" à imaginação e brincar, e sonhar...

Jorge Bandeira

Ator e dramaturgo, autor de
A fabulosa loja dos bichos (teatro)

Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário-Executivo
Arlindo Júnior

Assessor de Edições
Antônio Auzier Ramos

Edições
Governo do Estado
Editora Valer

Alfredo Fernandes

Lágrimas de brinquedo

Valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © Alfredo Fernandes, 2003

Editor
Isaac Maciel

Coordenação editorial
Tenório Telles

Capa e Projeto Gráfico
Rômulo Nascimento

Revisão
Cynthia Teixeira
Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa

F363l Fernandes, Alfredo.

Lágrimas de brinquedo. / Alfredo Fernandes. – Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

72 p.

ISBN 85-7512-120-0

1. Teatro amazonense. I. Título.

CDU 792(811.3)

2003

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br
www.valer.com.br

À minha filha Ileana

Considero uma peça deliciosa,
quando digo peça quero dizer teatro.
Lágrimas de brinquedo *é uma obra teatral,*
revelando uma decisiva vocação para as letras cênicas.

Espero que, com tanto talento, escreva também para adultos,
de vez que o teatro para crianças em nossa terra
ainda é um problema a resolver.

Procópio Ferreira

Apresentação

O Teatro Infantil é hoje um dos instrumentos mais vivos e de resultados mais profundos na técnica do ensino. Já os jesuítas, quando tiveram de enfrentar o problema de incorporação de multidão gentia em nossa terra, compreenderam-lhe a importância, dele socorrendo-se com o maior sucesso para solução do que a outros poderia parecer insolúvel.

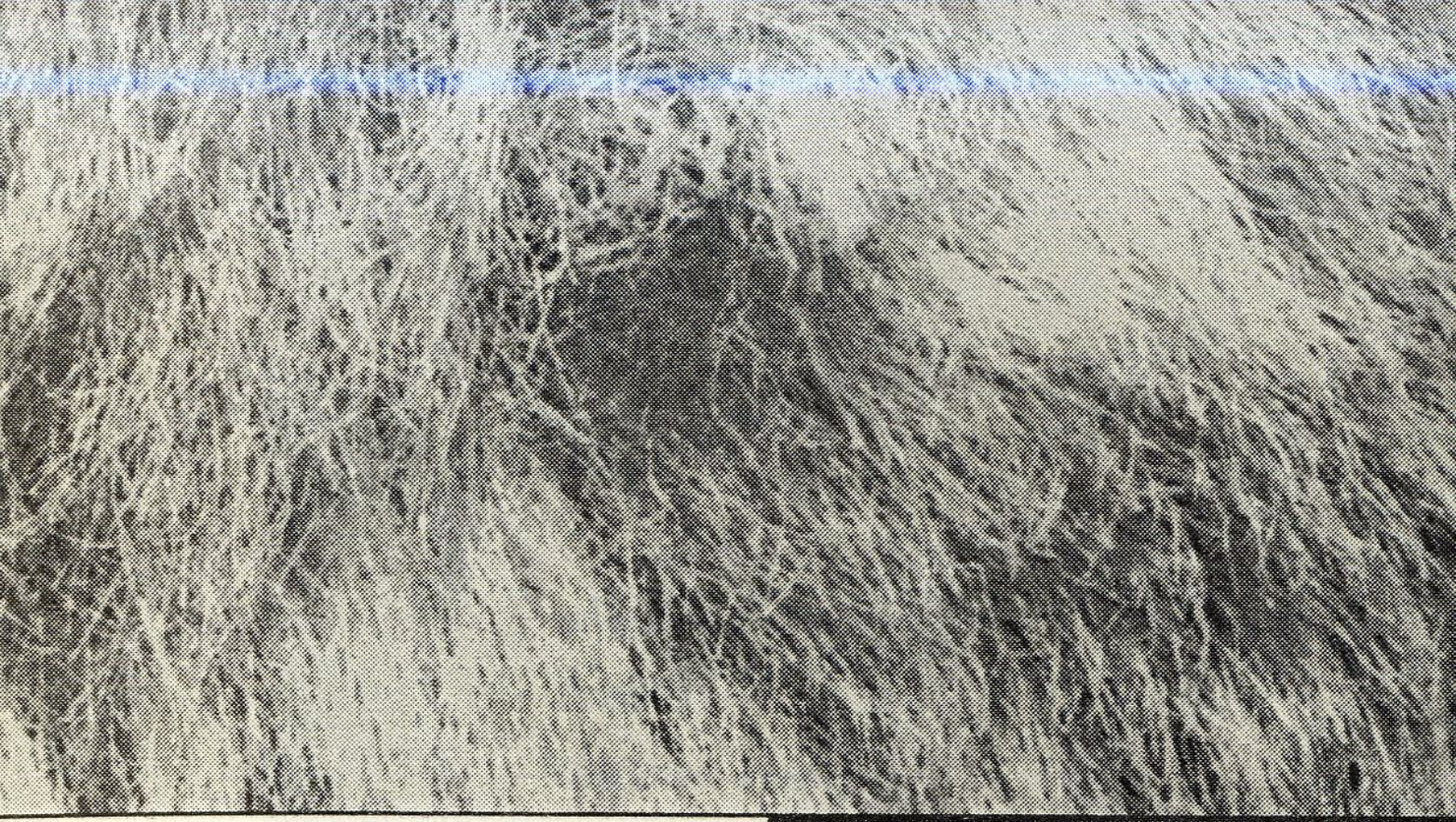
A experiência admirável dos legionários de Santo Inácio não frutificou em mãos alheias, de imediato, é certo. E só hoje se volta à grande lição, para incorporar, ao patrimônio do espírito, a criançada que cresce, em nossa Pátria, em proporções verdadeiramente promissoras, e para cuja orientação o Poder Público não pode deixar de estar atento, criando-lhe as condições vitais necessárias.

O Teatro Infantil, em nossa terra, como o Teatro-Escola começa a ser utilizado em sua grande

função civilizadora. Não pode ser, no entanto, uma realização esporádica, nem exclusivamente uma iniciativa isolada. Impõe-se, na compreensão do que vale, do que produz, do que visa, incentivá-lo, assistindo-o, proporcionando-lhe não favores imediatistas, mas aqueles elementos de sobrevivência e de atuação permanente que lhe assegure uma eficiência também permanente.

Na certeza dessa penetração do Teatro Infantil como força educadora, o Governo do Estado não hesitou em autorizar e promover-lhe o primeiro festival: encenar peças que ALFREDO FERNANDES escreveu e dirigiu na execução, através de artistas mirins, e constituiu uma primeira demonstração de seu espírito criador, de sua imaginação feliz, de sua sensibilidade como homem de espírito. Essas peças são agora incluídas nas Edições Governo do Amazonas.

Manaus, junho de 1966
Arthur Cézar Ferreira Reis



PERSONAGENS

— MÃE DE DORINHA

— DORINHA

— COELHINHO BRANCO

— URSO MARROM

— SOLDADINHO DE CHUMBO

— PALHAÇO

— BAILARINA

— BONECA

— PAPAI NOEL

O Urso marrom deve ter no joelho direito um remendo de cor branca.

O Palhaço fica dentro de uma caixa de surpresas, que deve medir 60 centímetros de altura por igual largura. A caixa não terá fundo, facilitando a comunicação com o porão do palco. O Palhaço só deve aparecer da cintura para cima, tendo nas mãos dois pratos cor de prata.

As demais personagens devem entrar em cena com o guarda-roupa característico.

CENÁRIO ÚNICO PARA OS TRÊS ATOS

Um quarto de criança. Cama e alguns móveis indispensáveis. Radioeletrola, discos infantis, jarros, flores e outros motivos. Os brinquedos (personagens da peça) devem estar artisticamente espalhados pelos cantos do quarto: O Soldadinho de Chumbo, a Bailarina, o Urso Marrom, o Coelhinho e uma caixa de surpresas, de 60 centímetros de altura por igual largura, moradia do Palhaço de mola. Ao subir o pano, a cena deve se apresentar artística e os brinquedos em posição rígida, obedecendo fielmente a sua característica. Dorinha, uma menina cega, entra em cena trajando pijama de dormir, acompanhada de sua mãe. É noite.

DORINHA

– Mamãe?

MÃE

– Que é Dorinha?

DORINHA

– Diga outra vez o que disse o médico.

MÃE

– Ora, minha filha, disse que você vai ficar boa, vai fazer a operação e poderá ver de novo.

DORINHA (*Alegre*)

– Eu vou ficar boa mesmo, mamãe? Poderei ver de novo? Poderei correr, passear no jardim, ver as flores, os meus brinquedos, ver tudo, mamãe?

MÃE

– Tudo, minha filha. Você ficará como há 3 anos, completamente curada.

DORINHA

– Ó mamãe, que alegria para mim. Quando é que eu vou fazer a operação, mamãe? O doutor disse?

MÃE

– Disse, minha filha. Amanhã você vai para o hospital e depois de amanhã será operada, mas agora você vai dormir. Deite.

DORINHA

– Não, mamãe, eu não quero dormir agora, vou ficar sentada na cama, depois vou ouvir um disco, depois vou rezar e depois vou dormir, sim?

MÃE:

– Está bem, minha filha, não ponha o rádio muito alto. Se precisar de alguma coisa é só chamar. Boa-noite. (*Dá um beijo na testa*) Mais tarde voltarei por aqui. (*Sai de cena*)

DORINHA

– Boa-noite, mamãe. (*Fica sentada à cama, alisando o cabelo como se estivesse penteando*)

SOLDADINHO (*Baixa a espingarda e vai sentar-se na frente de Dorinha*)

COELHINHO (*Todo catita, também procura um lugar junto de Dorinha*)

BAILARINA (*Sai da posição de dança e imita o soldadinho*)

URSO (*Sai da posição incômoda em que se encontrava, mas não se aproxima dos demais*)

DORINHA (*Levanta-se. Os brinquedos se afastam deixando o caminho livre. Dorinha tateando com o pé, procura os chinelos. O Coelhinho vai buscar os chinelos que estão do outro lado da cama e aproxima-se dos pés de Dorinha, que os calça. Em seguida, Dorinha se encaminha muito devagar em direção à eletrola. Abre-a, liga-a e tateando procura um disco em cima da mesa. Mais uma vez, o Coelhinho tira o disco da capa e aproxima-o da mão de Dorinha que o coloca no prato da eletrola, para ouvir a música 'Ciranda Cirandinha'. Tateando, procura uma cadeira, que lhe é aproximada pelo Soldadinho de chumbo. Dorinha senta-se e escuta o disco. Logo que o disco principia a tocar, a Bailarina e o Coelhinho executam um ligeiro número de dança. Ao terminar o disco, Dorinha desliga a eletrola, tira o disco e pousa-o em cima da mesa. O Coelhinho pega o disco e coloca-o na capa, arrumando-o direitinho junto dos outros que existem na mesa. Dorinha dirige-se para a cama. O Soldadinho tira uma cadeira do*

caminho, evitando um choque. Perto da cama, Dorinha se ajoelha, no que é imitada pelos brinquedos, com exceção do Urso Marrom que continua no mesmo lugar desde o início, com a cara aborrecida. O Urso marrom não se ajoelha. Dorinha reza)

DORINHA

– Padre-nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoais as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentação. Livrai-nos do mal, Amém. (*Dorinha faz o sinal-da-cruz, seguida pelos brinquedos. Levanta-se, deita-se, cobre-se e dorme*)

SOLDADINHO (*Depois de uma pequena pausa, aproxima-se de Dorinha para certificar-se se ela está dormindo. Depois vem com os outros para o meio da cena. Uns sentam-se e outros ficam encostados. O Urso Marrom continua no mesmo lugar, indiferente a tudo*)

– Vocês ouviram?

COELHINHO (*Tristonho*)

– Ouvi.

BAILARINA

– E agora? Que é que vamos fazer?

COELHINHO (*Lembrando-se*)

– Ah! vamos chamar o Susto. Nós nos esquecemos de chamá-lo. (*Levanta-se e aproxima-se da caixa de surpresas, dá duas pancadinhas na tampa. A tampa levanta-se e aparece o palhaço*)

PALHAÇO

– Ôôôôôôôôôô pessoal, que susto, hein! Ôôôôô, quais são as novidades?

BAILARINA

– A novidade é que a Dorinha vai fazer operação. Nós ouvimos a mãe dela dizer.

SOLDADINHO (*Alegre*)

– Isso quer dizer que agora ela vai ficar boa.

COELHINHO (*Triste*)

– Coitadinha da Dorinha...

PALHAÇO

– Coitadinha o quê?... Você acha que ficar boa é tristeza?

COELHINHO

– Pra mim, é.

TODOS

– Por que é tristeza para você?

COELHINHO

– Porque a Dorinha ficando boa, eu não poderei mais brincar.

TODOS

– Ora, ora que grande coisa.

COELHINHO

– Mas eu gosto tanto de brincar...

PALHAÇO

– Pois você fique sabendo que ela tem que ficar boa. A Dorinha ficando boa, brincará com você, entendeu?

COELHINHO

– Entendi. Mas eu gosto tanto de ajudar a Dorinha, dar o disco pra ela, colocar os chinelos junto dos pezinhos dela...

PALHAÇO

– Você rezou hoje?

COELHINHO

– Rezei.

PALHAÇO

– Pediu ao Papai do Céu para a Dorinha ficar boa?

COELHINHO

– Pedi.

PALHAÇO

– Então não seja um Coelhinho tolo, está ouvindo?

COELHINHO

– Estou.

PALHAÇO

– Bem, agora vamos...

COELHINHO (*Cortando*)

– Sim, senhor...

PALHAÇO

– Sim, senhor, o quê?

COELHINHO (*Meio zangado*)

– Ah! Por que você não briga com o Remendado? (*Aponta para o Urso*) Eu gosto da Dorinha e ele não gosta. Ele não rezou hoje, está ouvindo?

BAILARINA

– Hoje?... Há muito tempo que eu não vejo o Remendado rezar.

PALHAÇO (*Chamando*)

– Soldadinho.

SOLDADINHO

– Pronto.

PALHAÇO

– Traga o Remendado aqui.

SOLDADINHO (*Transmitindo a ordem*)

– Remendado, venha cá. O Susto que falar com você.

PALHAÇO

– Esse Urso é o mais tolo que eu já vi. (*O Urso aproxima-se*) Venha cá. Por que é que você não acaba com essa tolice?

COELHINHO

– Ah? Não briga com ele não, vamos brincar.

BAILARINA

– Engraçado. Você manda o Susto brigar com ele e depois não quer mais.

COELHINHO

– Eu disse, mas eu não gosto, sabe?

SOLDADINHO

– Fica quieto, Coelhinho, deixa o Susto falar.

PALHAÇO

– Fale, Remendado. Que tolice é esta?

REMENDADO

– Eu não gosto de brincar, não gosto de rezar e não gosto da Dorinha.

TODOS

– Oh!...

PALHAÇO

– Por que é que você não gosta da Dorinha?

COELHINHO (*Cortando*)

– Porque a Dorinha rasgou ele.

SOLDADINHO

– Fica calado, Coelhinho.

REMENDADO (*Triste e magoado*)

– Vocês todos sabem porque eu sou assim. Já se esqueceram do dia em que eu fui empurrado da janela e caí lá na rua? Se esqueceram que eu era um Urso bonito, cheguei aqui dentro de uma caixa azul, custei caro, e, agora, que é que eu sou? Olhem este remendo que me pregaram... Sou um remendado. E é por isso que eu não gosto da Dorinha, porque foi ela quem me empurrou.

COELHINHO

– Você não gosta, mas eu gosto.

PALHAÇO

– Cala a boca, Coelhinho. *(Ao Urso)* Remendado, você devia ser mais bonzinho. Nós sabemos que a Dorinha não fez isso por maldade, foi sem querer. Você não se lembra que ela chorou quando

você caiu e tratou logo de cobrir o golpe que você sofreu?

REMENDADO

– Lembro. Mas ela devia ter feito um remendo da mesma cor e não esse branco.

COELHINHO

– Mas ela não tinha pano da mesma cor, ora essa...

BAILARINA

– Cala a boca, Coelhinho.

PALHAÇO

– Vamos acabar com isso, Remendado. Seja bonzinho, não seja mau. Fique aqui para brincar conosco. O Coelhinho vai cantar e a Bailarina vai dançar.

COELHINHO (*Alegre*)

– Ôpa... que é que eu vou cantar?

SOLDADINHO

– Cala a boca, Coelhinho!

REMENDADO

– Não, Susto. Eu não fico. Vou para o meu canto. (*Levanta-se e vai para o lugar de sempre*)

COELHINHO

– Por que é que quando eu falo, mandam eu ficar calado?

PALHAÇO

– Porque você tem que aprender a não se meter na conversa dos mais velhos sem ser chamado. Agora cante para nós uma música bem bonita.

BAILARINA

– Cante, que eu vou dançar.

COELHINHO

– Que é que eu canto? Canto "Carneirinho Carneirão"?

TODOS

– Não.

PALHAÇO

– Cante: "Eu fui no tororó".

COELHINHO:

– Ah! essa também é bonita. Então lá vai. (*Coelhinho canta: 'Eu fui no tororó'. A Bailarina dança com o Coelhinho fazendo roda. O Soldadinho fica marcando compasso e o Palhaço acompanha batendo os pratos de madeira que tem nas mãos. O Coelhinho canta e os outros fazem coro, alegres e satisfeitos. O Urso marrom continua no mesmo lugar, com a mesma indiferença, sempre tristonho. Ao terminar a música, riem baixo e discretamente. Ouve-se então a voz da Mãe de Dorinha, fora de cena*)

MÃE

– Dorinha... (*Os brinquedos ficam sérios e atentos. Outra vez a voz*) – Dorinha, minha filha...

COELHINHO

– Lá vem gente. Corre, pessoal.

PALHAÇO

– Depressa, todos nos seus lugares. (*Todos obedecem. Vão para os seus lugares e tomam a posição rígida*) – Até amanhã, pessoal. Um beijinho na Dorinha. (*Fecha a caixa, desaparecendo. Em cena silêncio profundo*)

MÃE (*Entrando*)

– Dorinha, minha filha, você... (*tom*) Oh! Já está dormindo. (*Beija-a*) – Boa-noite, minha filha. (*Fecha a luz do quarto e sai. A cena fica em penumbra. Pela janela*

entra uma réstia de luar e o pano corre lentamente para dar fim ao primeiro ato)

FIM DO 1.º ATO

2.º ATO

Mesma cena do primeiro ato. Cama arrumada. Somente os brinquedos estão em cena. Todos estão tristes e pensativos, nas posições mais diversas. Cena com meia-luz. É noite. Ao subir o pano, deve rodar em B. G. (segundo plano) "Coração que sente", valsa de Ernesto Nazareth.

COELHINHO (*Depois de uma longa pausa, rompe o silêncio*)

– Eu estou com uma vontade de chorar... (*Levanta-se e vai sentar-se na cama de Dorinha*)

PALHAÇO

– Se você falar outra vez em chorar, eu puxo a sua orelha.

BAILARINA

– Como estará a Dorinha no hospital? Nós não estamos lá para ajudá-la. Ela nunca dormiu fora de casa. Hein!, Susto? Como estará a Dorinha?

PALHAÇO

– Você achou de perguntar pra mim? Se vocês puderem deixar de falar comigo hoje, eu agradeço. Não estou bom pra conversar, não.

SOLDADINHO

– Se eu pudesse ao menos ir lá de repente, no hospital. (*Nessa altura o Coelhinho tira uma carta que está sobre a mesinha-de-cabeceira*)

PALHAÇO (*Vendo o gesto do Coelhinho*)

– Que é que você está mexendo aí, Coelhinho?

COELHINHO

– É uma cartinha. (*Cheirando*) Está cheirosa.

BAILARINA

– Esse Coelhinho é abelhudo.

SOLDADINHO

– Por que você não fica quietinho, hein?

PALHAÇO

– Traga essa cartinha aqui.

COELHINHO (*Aproximando-se*)

– Cheira, como está cheirosa!...

PALHAÇO

– Cheira coisa nenhuma... (*Lendo*) "Para o meu querido Papai Noel".

TODOS

– Papai Noel... (*Onde se lê: TODOS, não se inclui o Urso marrom, que continua sempre na mesma tristeza e no mesmo afastamento*)

PALHAÇO (*Lembrando-se*)

– Ah! Nós estamos em dezembro, deve estar perto o Natal. Se a Mãe de Dorinha colocou a cartinha

hoje, é porque Papai Noel vem buscar a cartinha hoje.

COELHINHO

– O Papai Noel vem aqui, vem?

PALHAÇO

– Parece que sim. Do contrário esta cartinha não estaria aqui.

COELHINHO

– Lê a cartinha, lê.

PALHAÇO

– A cartinha é para o Papai Noel e só o Papai Noel é que pode abrir o envelope.

BAILARINA

– Você não sabe que é feio ler a carta dos outros?

COELHINHO

– Eu só queria ver o que foi que a Dorinha pediu ao Papai Noel. Só isso...

SOLDADINHO

– Já sei. Você está com medo de que a Dorinha tenha pedido outro Coelhinho, não é?

COELHINHO

– Não fala nisso, senão eu choro. (*Ao Palhaço*) Briga com ele, briga, Susto.

PALHAÇO (*Paternal*)

– Venha cá, Coelhinho. (*Coelhinho aproxima-se e senta-se junto à caixa do Palhaço*) – Não fique assim tão triste. Sou capaz de jurar como a Dorinha não pediu outro Coelhinho. Você é o mais bonito dos Coelhinhos.

COELHINHO (*Meio animado*)

– Sou mesmo?

PALHAÇO

– Naturalmente que é...

COELHINHO

– Quem foi que disse hein!, Susto?

SOLDADINHO (*Pedindo silêncio*)

– Pssssiiiiiuuu... silêncio.

TODOS (*Baixo*)

– Que foi?

SOLDADINHO (*Atento*)

– Vem gente aí... estou ouvindo passos.

PALHAÇO

– Todos para os seus lugares. (*Os brinquedos tomam seus lugares*) – Até logo, pessoal. (*Fecha a caixa. Os demais brinquedos ficam imóveis*)

PAPAI NOEL (*Entrando, calmo, olha para todos os brinquedos e fala*)

– Onde está a rainha deste quarto?

COELHINHO (*Alegre*)

– É o Papai Noel. (*Todos saem da posição rígida e cercam o velhinho, que se senta em uma cadeira trazida pelo Soldadinho*)

PAPAI NOEL

– Muito bem, meus amiguinhos. Muito bem, como vão vocês? Onde está a dona deste paraíso, que eu não a vejo?

COELHINHO

– A Dorinha está dodói.

PAPAI NOEL

– Está doente? Então, onde é que ela está?

COELHINHO

– Está no hospital. Ela fez operação pra ficar boa.

PAPAI NOEL

– Ah! Então a Dorinha este ano, se Deus quiser, poderá ver os presentes que eu trouxer. Hoje eu vim buscar a carta, para ver o que a Dorinha pediu.

BAILARINA

– A cartinha...

SOLDADINHO

– Onde está a cartinha, Coelhinho?

COELHINHO (*Esquecido*)

– A cartinha?...

BAILARINA

– Sim, a cartinha?...

COELHINHO

– Não sei.

SOLDADINHO

– Não foi você quem achou?

COELHINHO (*Lembrando-se*)

– Ah! Eu dei pro Susto, o Susto é quem tem a cartinha... (*Vai junto à caixa e dá três pancadas na tampa*)

PALHAÇO (*Aparecendo*)

– Ôôôôôôô pessoal, que susto, ôôôôôô que aconteceu? (*Vendo o Papai Noel*) – Papai Noel, como vai o senhor?

PAPAI NOEL

– Vou bem, obrigado.

COELHINHO (*Agoniado*)

– A cartinha, Susto. A cartinha, a cartinha que eu te dei...

PALHAÇO

– A carta? (*Lembrando*) Ah! Sim, está aqui. (*Junta a cartinha do fundo da caixa e dá para o Coelhinho que corre a levar para o Papai Noel*)

PAPAI NOEL (*Recebendo a cartinha*)

– Muito bem. Que cartinha cheirosa!

COELHINHO (*Cheio de si*)

– Eu não disse?

BAILARINA

– A cartinha parece que é grande, hein!, Papai Noel?

PAPAI NOEL

– É verdade, é bem pesadinha.

COELHINHO

– Lê, Papai Noel, lê para eu ouvir...

PALHAÇO

– Fica quieto, Coelhinho.

PAPAI NOEL (*Abrindo a carta*)

– Vamos ver o que foi que a Dorinha pediu e se eu poderei trazer. Há meninas que pedem brinquedos muito grandes que eu não posso carregar e há outras que pedem brinquedos muito caros que eu não posso comprar. Bem, vamos ler: (*Lendo a cartinha*) – "Meu querido Papai Noel. Quero que o senhor traga este ano uma boneca que anda, fala e dorme"...

COELHINHO

– Puxa!...

SOLDADINHO

– Cala a boca...

PAPAI NOEL (*Continuando*)

– "...Um carrinho pra botar a boneca. Um cachorrinho e um gatinho..."

COELHINHO

– Puxa... vai ter é briga, Papai Noel...

PALHAÇO

– Não brigam, porque eu não deixo. Se brigarem, eu mando prender.

SOLDADINHO

– E eu prendo.

PAPAI NOEL (*Continuando*)

– "...É só. Traga também um pedaço de pano marrom, bem bonito para eu colocar no joelho do Remendado. Sua querida Dorinha". (*Os brinquedos ficam em silêncio e olham para o Remendado*)

REMENDADO (*Levanta um pouco a cabeça. Olha para os brinquedos e torna baixar a cabeça*)

PAPAI NOEL (*Que nada percebeu*)

– Bem, meus brinquedos, tenho que ir embora porque ainda vou andar muito e providenciar os brinquedos de todos os meninos e meninas para depois de amanhã, que é o Dia de Natal. (*Levanta-se para sair. Vendo o Urso marrom, dirige-se a ele*) – E você, Ursinho, está doente? Parece que está triste, que é que você tem? Por que não foi para junto de mim?

REMENDADO (*Encabulado*)

– Eu... eu...

COELHINHO

– Ele está triste, porque a Dorinha está dodói e ele gosta muito dela.

PAPAI NOEL

– Ah! muito bem, por isso é que Dorinha me pediu um pedaço da sua cor e eu vou trazer um pedaço igualzinho, porque você é um Ursinho de bom coração. (*Saindo*) – Até depois de amanhã, meus amiguinhos...

TODOS

– Adeus, Papai Noel... Nós esperamos... (*Todos: MENOS o Urso*)

PALHAÇO (*Chamando*)

– Coelhinho, venha cá. (*Coelhinho aproxima-se*) Você é o melhor Coelhinho do mundo. Você mostrou mais uma vez que é bonzinho. Eu não lhe disse que jurava como a Dorinha não pediria outro coelho!

SOLDADINHO

– Gostei de sua ação, Coelhinho. Continue sempre assim.

BAILARINA

– Você vai ficar com o direito de me pedir para dançar quantas vezes você quiser.

COELHINHO

– Puxa... eu não sabia que quando a gente é bonzinho, todo mundo gosta da gente.

PALHAÇO

– Bem, pessoal, já está ficando tarde. É hora de dormir e temos que rezar pedindo a Nosso Senhor para Dorinha ficar boa e que amanhã venha para cá. Vamos, vamos, todos de joelhos. (*Todos obedecem, se ajoelham em volta da cama de Dorinha, com exceção do Urso Marrom, que continua no seu canto. O Palhaço é quem inicia a oração, que é repetida pelos demais*)

PALHAÇO

– Padre-nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje...

REMENDADO *(Quando disserem: 'SEJA FEITA A VOSSA VONTADE', se ajoelha no mesmo lugar em que se encontra, de maneira a não chamar muita atenção do público. Quando disserem 'ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU'... Começa a soluçar em choro convulso. O Palhaço pára de rezar, sem ser um de cada vez. Todos ficam olhando para o Ursinho que continua soluçando mais forte, terminando o 'Padre-nosso' da frase suspensa pelos outros brinquedos. Neste ponto a cortina vai correndo lentamente para finalizar o segundo ato)*

FIM DO 2.º ATO

3.º ATO

A cena é a mesma do segundo ato. Dorinha está na cama, dormindo. Ao lado, numa cadeira de balanço, a Mãe de Dorinha também dorme. Todos os brinquedos estão imóveis. É noite.

COELHINHO (*Levanta vagarosamente a cabeça para se certificar de que ambas estão dormindo. Levanta-se e vai chamar o Palhaço, com três pancadinhas na tampa da caixa de surpresas*)

PALHAÇO (*Aparecendo*)

– Ôôôôôôôôô, pessoal, onde estão as novidades? (*Os outros brinquedos saem da posição rígida*)

COELHINHO (*Pedindo silêncio*)

– Psssiiiiuuuu... Não faz barulho, porque a Mãe de Dorinha está aqui.

PALHAÇO

– Quando foi que Dorinha chegou?

BAILARINA

– Chegou hoje de manhã, veio com o doutor.

COELHINHO

– Era um homem com uns óculos deste tamanho. (*Faz exagero*)

SOLDADINHO

– Ela já vê tudo. Mas chegou muito cansada e está dormindo desde que chegou.

PALHAÇO

– E por que não me chamaram há mais tempo?

COELHINHO

– Ué! Porque a mãe dela não saía daqui! Agora foi que ela dormiu.

PALHAÇO

– Ah! bem. Mas agora eu preciso falar com o Remendado. (*Chamando*) Remendado, venha cá. (*Remendado aproxima-se*) Sente-se aqui. (*Remendado hesita*)

COELHINHO (*Procurando dar lugar*)

– Remendado, senta aqui junto de mim.

SOLDADINHO

– Venha sentar, Remendado. Deixe de tolice. (*Remendado senta-se*)

BAILARINA

– Que é que você tem, Remendado?

REMENDADO

– Eu estou envergonhado e arrependido.

PALHAÇO (*Pigarreando*)

– Bem, não se fala mais nisso. O importante é que você voltou a ser o Urso bonzinho. O mesmo Ursinho que eu conheci quando chegou aqui. Você agora precisa mudar esse ar de zangado. Dorinha já está boa e você não vai querer que ela o veja com essa cara feia.

COELHINHO

– Você precisa ser risonho, pra ficar bonitinho como eu.

SOLDADINHO

– Cala a boca.

PALHAÇO (*Pigarreando de novo*)

– Não se fala mais nisso. O principal é nos prepararmos para quando a Dorinha acordar. Ela na certa vem brincar conosco e nós temos que estar alinhados.

COELHINHO

– Ah! Mas eu só tenho essa roupa branca.

SOLDADINHO

– Não precisa mudar, o que precisa é estar limpo.

COELHINHO (*Ao palhaço*)

– Está ouvindo, Susto? O Soldadinho está me chamando de sujo.

BAILARINA (*Repreendendo*)

– Ai! Ai! Ai! Não vamos começar brigas, fiquem quietinhos.

PALHAÇO

– Eu também acho bom e depois vocês bem sabem que eu não gosto de brigas...

SOLDADINHO (*Pedindo silêncio*)

– Pssssiiiiuuuu... vem gente aí... Estou ouvindo passos.

PALHAÇO

– Corre pessoal, todos para os seus lugares. Depois me chamem. (*Todos vão aos seus lugares e respectivas posições, inclusive o Palhaço que fecha a caixa*)

PAPAI NOEL (*Entra com uma árvore de Natal, se encaminha para o centro da cena e pousa a árvore no chão ou em cima de uma mesa*)

COELHINHO (*Depois de verificar que entrou*)

– É o Papai Noel! (*Levanta-se e aproxima-se do bom velhinho, acompanhado pelos demais brinquedos. Coelhinho corre para chamar o Palhaço, batendo na tampa da caixa*)

PAPAI NOEL

– Boa-noite, meus amiguinhos. Aqui estou conforme prometi.

PALHAÇO (*Saindo da caixa*)

– Ôôôôôôô, que foi? (*Vendo o Papai Noel*) – Papai Noel, como vai o senhor?

PAPAI NOEL

– Vou bem, obrigado. (*Sai de cena para voltar depois com a boneca que anda*)

COELHINHO (*Junto da árvore de Natal, acompanhado pelos outros*)

– Olha só que árvore bonita, Susto! Será que hoje é noite de Natal?

PALHAÇO

– É sim.

BAILARINA

– Oh! Hoje é noite de Natal?

SOLDADINHO

– Como é linda a árvore de Natal.

PAPAI NOEL (*Entrando com a boneca pela mão*)

– Esta é a nova amiguinha de vocês.

TODOS

– Como é bonita!

PAPAI NOEL (*Mostrando o pedaço de pano marrom*)

– Este é o pano que a Dorinha pediu pra você (*Aponta para o Urso marrom, que continua sentado no seu canto. Remendado, vendo o pano, respira ofegante, com alegria íntima*)

COELHINHO (*Dirigindo-se à boneca*)

– Você é bonita à beça. Vem morar conosco, vem?

BONECA

– Venho sim. O Papai Noel disse que aqui é bom.

COELHINHO

– É bom, sim. Nós vamos brincar muito.

PAPAI NOEL

– Bem, meus amiguinhos, eu não posso demorar. Procurei trazer tudo que a Dorinha pediu.

COELHINHO

– Ué! Está faltando, Papai Noel. Falta o carrinho da boneca, o cachorrinho e o gatinho.

PAPAI NOEL

– Isso não foi possível. Talvez para o próximo ano eu traga. Eu já estou muito velhinho para carregar muita coisa.

BAILARINA

– O senhor agora vai dar presentes para os outros meninos?

PAPAI NOEL

– Vou sim. Mas há meninos a quem eu não gosto de dar presentes.

COELHINHO

– Por que, hein?

PAPAI NOEL

– Porque não sabem brincar. Estragam todos os presentes que eu dou e eu não gosto de ver os meus brinquedos quebrados e escangalhados.

COELHINHO

– Ah! Mas quem faz isso é menino mau, não é?

SOLDADINHO

– É mau, sim, e por castigo o Papai Noel não dá mais presentes.

PAPAI NOEL

– Bem, meus amiguinhos, eu já vou. A Dorinha já está boa?

TODOS

– Já, sim senhor.

PAPAI NOEL

– Ah! Muito bem. Então quando ela acordar vai ficar muito contente com a boneca que eu trouxe. (*Saindo*) Até outra vez, meus amiguinhos...

TODOS

– Até outra vez, Papai Noel...

COELHINHO

– Não esqueça do cachorrinho e do gatinho... (*Papai Noel sai*)

PALHAÇO *(Chamando)*

– Venha cá, bonequinha. (*A boneca aproxima-se*) Como é o seu nome?

BONECA

– Eu me chamo Maria do Céu.

PALHAÇO

– Ah! bonito nome. Maria do Céu, eu vou lhe apresentar seus novos amiguinhos: (*Apontando um por um*) – Aquela menina que está dormindo é a Dorinha, uma menina boazinha, muito obediente e nossa grande amiguinha. Aquela senhora ali na cadeira é a mamãe da Dorinha. Eu me chamo Susto e moro dentro desta caixa. Aquela ali é a bailarina e dança muito bem. Aquele é o Soldadinho de chumbo, nosso sentinela. Aquele outro ali é o Remendado, um Ursinho muito bom...

COELHINHO (*Cortando*)

– E eu sou o Coelhinho mais bonzinho que tem.

BONECA

– Eu gosto de todos vocês. Parece que são mesmo bonzinhos.

COELHINHO

– Parece não, Maria do Céu. Nós somos mesmo. (*Todos riem discretamente*)

PALHAÇO (*Pedindo silêncio*)

– Pssssiiiiuuuu... pessoal... Já está clareando, é quase dia. Não demora a Dorinha acordar.

SOLDADINHO

– A mãe dela já mexeu duas vezes. Eu acho que ela está para acordar.

MÃE (*Dá um bocejo e se mexe na cadeira*)

PALHAÇO (*Baixo*)

– Corre pessoal, todos para os seus lugares. (*Todos obedecem*)

Maria do Céu, fique junto da árvore de Natal, você hoje é visita. (*A boneca obedece e todos ficam em posição rígida*) – Até logo, meus amigos. (*Fecha a caixa*)

DORINHA (*Se espreguiça da cama e dá um bocejo*)

– Maaammmãããeee...

MÃE (*Acordando e com cuidado*)

– Que é, minha filha. Você está bem?

DORINHA (*Acordando*)

– Estou mamãe... (*Senta-se na cama como se fosse movida por uma mola*) – Eu estou vendo, mamãe... (*Alegria*) – Estou vendo de novo. Meus olhos estão ardendo, mas eu estou vendo, mamãe... vendo... vendo a luz, vendo os brinquedos... (*Alegria crescente*) A árvore de Natal, a boneca,

mamãe... (*Chorando*) O Papai Noel trouxe a minha boneca, mamãe...

MÃE (*Abraçando-a*)

– Não chore, minha filha. Tenha calma, desça, vá ver os seus brinquedos. (*Soluçando baixinho, Dorinha desce da cama e se encaminha para a boneca*)

DORINHA

– Minha boneca bonita. (*Ao Coelhinho*) – Meu Coelhinho lindo, há quanto tempo eu não te via. (*À Bailarina*) – Minha bela Bailarina. (*Perguntando*) – E o meu Palhaço, mamãe?

MÃE

– Está no mesmo lugar, minha filha, dentro da caixa. Fique brincando que eu já volto. (*Fecha a luz do abajur e sai*)

DORINHA (*Aproximando-se da caixa, abre-a e o Palhaço aparece, balançando-se de um lado para o outro, ritmo que vai perdendo com o decorrer da cena*)

– Meu Palhaço engraçado. (*Ao Soldadinho*) – Meu Soldadinho de chumbo. (*Dirigindo-se ao Urso*) – E você, meu Ursinho?... (*Ajoelha-se junto dele*) – Meu Ursinho querido, quantas saudades eu tive de você. Nunca me esqueci da queda que você deu, mas eu pedi um pedaço de pano da mesma cor para que você fique bonito como era. Não vou mais lhe chamar de Remendado. Você de hoje em diante vai se chamar "CHOCOLATE". (*Nessa 'deixa' o Urso ri e estabiliza o riso. Dorinha levanta-se assustada, leva a mão à boca e solta um grito infantil*) – Oh! (*Chamando*) Mamãe... mamãe... (*Afasta-se, lentamente, assustada de olhos fixos no Ursinho que continua rindo*)

MÃE (*Entrando aflita*)

– Que foi, minha filha? Que foi?

DORINHA (*Apontando*)

– O Ursinho, mamãe... O Ursinho... O Ursinho.

MÃE

– Que é que tem o Ursinho, minha filha? Que foi que aconteceu?

DORINHA

– O Ursinho, mamãe... O Ursinho riu pra mim... Ele riu pra mim, mamãe...

MÃE (*Tranqüilizando*)

– Ora, minha filha, não diga tolices, você está nervosa. O Ursinho sempre foi assim risonho. É o Ursinho mais bonito que eu já vi.

DORINHA

– Mas eu vi quando ele riu pra mim, mamãe.

MÃE (*Sem dar crédito*)

– Sim, minha filha, está bem. Agora vamos para a sala de jantar ver a grande árvore de Natal que seu pai está enfeitando. Vamos. (*Sai*)

DORINHA (*Vai se afastando lentamente em direção à porta, com os olhos fixos no Ursinho que continua na mesma posição, com o mesmo riso. Dorinha vai transformando a expressão de surpresa pela de alegria, correspondendo o riso do Ursinho. Dá um adeus bem vagaroso, indeciso. Um tênue foco de luz é jogado sobre o Ursinho que continua rindo enquanto a cena escurece paulatinamente e a cortina corre lentamente para terminar o terceiro e último ato*)

Lágrimas de brinquedo foi apresentada pela primeira vez no palco-auditório da Rádio Baré, Emissora Associada, na noite de 17 de dezembro de 1953.

O elenco criador estava assim constituído:

MÃE DE DORINHA ..... Ariasta Sampaio
DORINHA ..... Lina de Abreu
PALHAÇO ..... Genésio Bentes
PAPAI NOEL ..... Reginaldo Xavier
COELHINHO ..... Douglas Pinto de Castro
URSINHO ..... Domingos Demasi Filho
SOLDADINHO ..... José Cardoso
BAILARINA ..... Ruth Maria Paes Barreto
BONECA ..... Avelina Duarte

Em julho de 1956, apresentada pelo Teatro Cultural para crianças, *Lágrimas de brinquedo* vai à cena no Teatro Amazonas, com a seguinte distribuição:

MÃE DE DORINHA ... M.ª Auxiliadora
DORINHA ..... Hermengarda de Oliveira
BAILARINA ..... Ruth Maria Paes Barreto
COELHINHO ..... Douglas Pinto de Castro
URSINHO ..... Domingos Demasi Filho
SOLDADINHO ..... Reinaldo G. de Oliveira
PALHAÇO ..... Genésio Bentes
BONECA ..... Ileana Fernandes
PAPAI NOEL ..... Reginaldo Xavier

No Teatro Amazonas, na noite de 29 de dezembro de 1963, *Lágrimas de brinquedo* subiu à cena com a seguinte distribuição:

MÃE DE DORINHA ..... Tarcicule Fonseca
DORINHA ..... Ileana Fernandes
PALHAÇO ..... Francisco Aragão
PAPAI NOEL ..... Jorge Salerno
COELHINHO ..... Robério Braga
URSINHO ..... Douglas Pinto de Castro
SOLDADINHO ..... José Jorge Oliveira
BAILARINA ..... Eliane Mendonça
BONECA ..... Labibe Pereira

Na noite de 12 de junho de 1965, abertura do "1.º Festival de Teatro Infantil", promoção oficial do Governo do Estado, *Lágrimas de brinquedo* subiu à cena com a seguinte distribuição:

MÃE DE DORINHA ... M.ª de Nazaré Palheta
DORINHA ..... Ileana Fernandes
PALHAÇO ..... Antônio Rebelo
PAPAI NOEL ..... C. Alberto da Encarnação
COELHINHO ..... Robério Braga
URSINHO ..... Douglas Pinto de Castro
SOLDADINHO ..... José Jorge de Oliveira
BAILARINA ..... Eliane Mendonça
BONECA ..... Labibe Pereira

Coleção Poracé | Teatro

A fabulosa loja dos bichos

Jorge Bandeira

A floresta e os bichos contra o homem-fogo

Custódio Rodrigues da Silva

A jóia da família

Américo Alvarez

Amanusmente

Luiz Vitalli

Aquela outra face da tribo

Aurélio Michiles

A última dança de Cátia Bolerão

Álvaro Braga

A vingança do carapanã atômico

Ediney Azancoth

É proibido jogar lixo neste local

Wagner Mello

Lágrimas de brinquedo

Alfredo Fernandes

Mundica

Sergio Cardoso

Nós, Medéia

Zemaria Pinto

O homem que marcha

Benjamin Lima

Lágrimas de brinquedo

– Vocês todos sabem porque eu sou assim. Já se esqueceram do dia em que eu fui empurrado da janela e caí lá na rua? Se esqueceram que eu era um Urso bonito, cheguei aqui dentro de uma caixa azul, custei caro, e, agora, que é que eu sou? Olhem este remendo que me pregaram... Sou um remendado. E é por isso que eu não gosto da Dorinha, porque foi ela quem me empurrou.

ISBN 85-7512-120-0

9 788575 121207

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM